

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MICHELINE CORDEIRO SOBRAL DA SILVA

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRÁTICAS
DE UMA DOCENTE DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

GARANHUNS
2019

MICHELINE CORDEIRO SOBRAL DA SILVA

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRÁTICAS
DE UMA DOCENTE DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Profª Drª Leila Nascimento da Silva

GARANHUNS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

S586c Silva, Micheline Cordeiro Sobral da
Consciência fonológica no processo de alfabetização:
práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental
/ Micheline Cordeiro Sobral da Silva. – 2019.
48 f. ; il.

Orientadora: Leila Nascimento da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Pedagogia, Garanhuns, BR-PE, 2019.
Inclui referências

1. Alfabetização 2. Prática de Ensino 3. Letramento
4. Ensino Fundamental I. Silva, Leila Nascimento da,
orient. II. Título

CDD 372.41

MICHELINE CORDEIRO SOBRAL DA SILVA

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRÁTICAS
DE UMA DOCENTE DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª Leila Nascimento da Silva - UAG/UFRPE

Prof. Esp.. Alex de Araújo Lima - SEDUC

Profª. Ma. Emmanuella Farias de Almeida - SEDUC

*Dedico este trabalho a minha mãe
Claudia Cordeiro Sobral da Silva, mulher
lutadora, forte, não mediu esforços para
lutar por minha educação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza, por me concede forças nos momentos difíceis, por me proporcionar sabedoria, ânimo e coragem para lutar, conquistar e concluir este projeto de minha vida.

Aos meus pais que me acompanharam nesta jornada, pelo apoio e força em todos os momentos, por não pouparem esforços na realização deste sonho. Agradeço a vocês pelo que sou.

As minhas amigas, pelo apoio, incentivo, pelos conselhos e as frases de motivação nos momentos difíceis, assim como, agradeço pelas risadas que compartilhamos juntas.

Sou grata á minha orientadora Leila Nascimento da Silva, por me proporciona conhecimento, esclarecer minhas dúvidas, por compartilhar sua sabedoria, experiência e o seu tempo dedicado à realização deste trabalho.

Por fim, a todos que fizeram parte desta trajetória e não deixaram de acreditar em minha conquista.

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso, que teve como objetivo principal identificar nas práticas de ensino de uma docente do 1º ano do Ensino Fundamental, as habilidades de consciência fonológica mobilizadas no processo de Alfabetização, identificando os momentos e a frequência nos quais ocorriam à exploração de tais habilidades. Utilizamos como aporte teórico os estudos de Morais e Silva (2010); Morais (2012 e 2013); Aquino (2007) e Bezerra (2008) que versam sobre a relação entre a consciência fonológica e a apropriação do sistema de escrita alfabética. Também partimos das contribuições dos estudos das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) e Soares (2004), que discutem aspectos sobre a alfabetização e o letramento. Foram realizadas oito observações das aulas e entrevista com a professora, buscando identificar, na prática de ensino, atividades referentes às habilidades metafonológicas. Assim, foi perceptível nas situações didáticas realizadas pela professora a exploração da consciência fonológica e suas sub-habilidades na alfabetização, envolvendo partes orais e escritas. A pesquisa reforça a importância da consciência fonológica na alfabetização, bem como importância de uma proposta de ensino sistemático em torno dos princípios do sistema de escrita e as questões fonológicas da língua.

PALAVRA-CHAVES: Alfabetização. Letramento. Consciência Fonológica.

ABSTRACT

This research is a case study, whose main objective was to identify in the teaching practices of a teacher in the 1st year of Elementary School, the phonological awareness skills mobilized in the process of Literacy, identifying the moments and the frequency in which the exploitation of such skills. We used as theoretical contribution the studies of Morais e Silva (2010); Morais (2012 and 2013); Aquino (2007) and Bezerra (2008) that deal with the relationship between phonological awareness and the appropriation of the alphabetic writing system. We also start from the contributions of the authors Emília Ferreiro and Ana Teberosky (1979) and Soares (2004), who discuss aspects about literacy and literacy. Eight observations of the classes and interview with the teacher were made, seeking to identify, in teaching practice, activities related to metaphonological abilities. Thus, in the didactic situations carried out by the teacher, the exploration of phonological awareness and its sub-abilities in literacy, involving oral and written parts, was perceptible. The research reinforces the importance of phonological awareness in literacy, as well as the importance of a systematic teaching proposal around the principles of the writing system and the phonological issues of language.

KEYWORDS: Literacy. Literature. Phonological Awareness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: CONJUNTO DE HABILIDADES METAFONOLÓGICAS.....	11
3. ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA CONSCIÊNCIAFONOLÓGICA.....	16
4. ESTUDOS SOBRE A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	21
5. METODOLOGIA	26
5.1 COLETA DE DADOS	26
6. ANÁLISE DOS DADOS	27
6.1 APRESENTAÇÃO DA ROTINA	27
6.2 O TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA PRÁTICA DA DOCENTE	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

Ler e escrever são aspectos da alfabetização que estão sempre presentes em pesquisas. São vários estudos relacionados ao papel do professor, aos alunos e suas aprendizagens, às metodologias de alfabetização. Sobre este último aspecto, pesquisas recentes apontam que as habilidades de consciência fonológica são importantes e necessárias para o desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização (AQUINO, 2007; BEZERRA 2008).

Partindo desta importância da consciência fonológica, ressalto a necessidade de compreendermos o processo do sistema de escrita alfabética como sistema notacional e seguindo esta concepção defendo que as habilidades de consciência fonológica são fundamentais para avançar nas hipóteses alfabéticas (pré-silábica; silábica; silábica alfabética; alfabética.), mas mantendo a coerência de que somente desenvolver a consciência fonológica sozinha não será suficiente para fazer uma criança torna-se alfabética.

Aquino (2007) e Bezerra (2008) realizaram pesquisas em turmas da Educação Infantil, nas quais apresentaram a exploração das habilidades de consciência fonológica vivenciadas em sala de aula, exploradas através de cantigas, parlendas, travas-línguas e jogos de consciência fonológica. Como resultado, apontam que por meio dessas propostas houve o desenvolvimento das crianças nas hipóteses alfabéticas. Isso reforça ainda mais a importância da interação da consciência fonologia e a alfabetização desde o final da Educação Infantil e o início da Educação Fundamental.

Leite (2006) também pôde nos mostrar o papel da consciência fonológica no desenvolvimento dos níveis de escrita das crianças. Por meio da sua pesquisa, comprovou que são várias as habilidades e que algumas podem ser entendidas como mais complexas que outras. Algumas dessas mais difíceis não são pré-requisitos para se alfabetizar, tendo em vista que até as crianças já alfabetizadas tinham dificuldades em realizar tarefas de consciência fonológica mais complexa, tais como a de segmentar fonema de uma palavra.

Os estudos apresentados evidenciam a importância da consciência fonológica no ensino de leitura e escrita, vemos, portanto, que é essencial para alfabetização explorar situações que envolvem habilidades de consciência fonológica, pois permitem aos alunos avançarem nas hipóteses alfabéticas.

A partir deste contexto, a pesquisa teve como propósito discutir as relações entre a consciência fonológica e alfabetização, através de um estudo sobre as práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental. Buscamos identificar como era realizado o trabalho de consciência fonológica nessa sala de aula. Para tanto, verificaremos quais as atividades desenvolvidas na turma que favorecem o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica; quais destas habilidades eram as mais exploradas, com qual frequência as encontramos e como era a mediação da docente nesses momentos de trabalho com a consciência fonológica.

Para discussão do tema, apresentamos a fundamentação teórica dividida em três sessões referentes à consciência fonológica e alfabetização. A primeira sessão refere-se à consciência fonológica e as habilidades metafonológicas (consciência de palavra, consciência silábica, rimas e aliterações e consciência fonêmica.) e como se relacionam com a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Na segunda sessão abordamos a alfabetização na perspectiva do letramento, considerando o sistema de escrita alfabética (SEA) como sistema notacional, a qual as crianças passam por fases que implicam na compreensão do SEA, como também a importância da consciência fonológica no processo de alfabetização. Assim, concluímos a terceira sessão com os estudos de Aquino (2007) e Bezerra (2008) que exploram o conjunto de habilidades metafonológicas na apropriação do SEA. Na sessão seguinte situamos os leitores sobre a metodologia da pesquisa e como se desenvolveu a coleta de dados.

Na sessão seis apresentamos a rotina da professora participante bem como, analisamos suas práticas relacionadas às habilidades de consciência fonológica e apropriação do SEA.

Por fim, nas considerações finais destacamos a prática da professora que nas situações didáticas observadas, exploram a consciência fonológica em suas práticas de alfabetização reportando-se aos princípios do SEA.

2. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: CONJUNTO DE HABILIDADES METAFONOLÓGICAS

A consciência fonológica consiste na reflexão dos segmentos sonoros das palavras, “Não é uma coisa que se tem ou não, mas um conjunto de habilidades” (MORAIS, 2012, p. 34) que faz pensar sobre unidades sonoras das palavras, fazendo assim com que as crianças avancem nas hipóteses alfabéticas contribuindo para o processo de alfabetização. De acordo com Moraes (2006 *apud* AQUINO 2007, p. 36).

consciência fonológica é um conjunto de habilidades metalingüísticas que permitem ao indivíduo refletir sobre os segmentos sonoros das palavras, o funcionamento que as caracteriza é metalingüístico, porque o sujeito reflete sobre a própria língua, em lugar de usá-la para se comunicar e apenas alcançar os propósitos normais da vida cotidiana.

E é fonológico porque opera sobre segmentos sonoros (sílabas, rimas, fonemas) que estão no interior das palavras. E como também podemos exercer a capacidade de reflexão metalingüística em outros níveis, como o morfológico, o sintático, o textual e o pragmático. A consciência fonológica é, portanto, um tipo de reflexão metalingüística.

O conjunto de habilidades de consciência fonológica compreende aos níveis sílabas, intrassilábicas e fonemas, envolvendo produção, identificação de rima e aliterações, contagem de sílabas, segmentação de palavras, adição, substituição de sons, comparação de palavras (AQUINO, 2007; MORAIS e SILVA, 2010; MORAIS, 2012 e 2013).

Estas habilidades podem ser exploradas em cantigas Populares, travas línguas, parlendas, poesias, e jogos como: Batalha de Palavras Trinca Mágica, Caça Rimas, Bingo dos Sons Iniciais (jogos do acervo distribuído pelo MEC para todas as escolas públicas do Brasil), entre outros jogos, como: o jogo da forca, adedonha e palavras cruzadas.

Contudo, este conjunto de habilidades atua em diferentes segmentos e podem ser explorados ao mesmo tempo em uma atividade, por exemplo: que tem como recurso uma parlenda ou uma cantiga popular. Outro fator importante é apresentar na vivência das atividades, as relações entre as partes escritas e orais.

Destacamos que tais conjuntos de habilidades fonológicas constituem-se em sub-habilidades. São elas:

Consciência de palavras “também chamada de consciência sintática, representa a capacidade de segmentar a frase em palavras e, além disso, perceber a relação entre elas e organizá-las numa sequência que dê sentido. (BRASIL, 2013)”. Ou seja, identificar onde as palavras iniciam e terminam e a organização das palavras em frases ou textos.

Consciência silábica, “consiste na capacidade de segmentar as palavras em sílabas. (BRASIL, 2013)”. Trata-se, portanto, em identificar sílabas, iniciais e finais das palavras, contar sílabas, formar novas palavras adicionando, subtraindo ou substituindo uma sílaba.

Rimas e Aliterações, “a rima representa a correspondência fonêmica entre duas palavras a partir da vogal da sílaba tônica (BRASIL, 2013)”. Consiste em palavras que terminam parecidas. Podem ser rimas a partir da (BRASIL, 2013):

- **da palavra** – igualdade entre os sons desde a vogal ou ditongo tônico até o último som:
SAPAT**INHO** – PASSAR**INHO**
- **da sílaba** – formada por palavras que terminam com o mesmo som.
BAL**ÃO** – M**ÃO**
- **sonora**, ou seja, as palavras rimam, pois o som em que terminam é igual, independente da forma ortográfica.
O**SSO** e PESCO**ÇO**

Em relação, a aliteração esta “consiste na repetição de consoantes ou de sílabas– especialmente as sílabas tônicas – em duas (ou mais) palavras, dentro do mesmo verso, estrofe, ou numa frase (BRASIL, 2013)”. Criam, portanto, uma sonoridade no texto, que pode estar presente no início de palavras, no interior das palavras, bem como nas sílabas iniciais. Como apresentado em:

- Chegamos de uma terra feia, fria, fétida, fútil.
- “Toda gente homenageia Januária na janela.” (Chico Buarque).
- “Auriverde pendão de minha terra que a brisa do Brasil beija e balança.” (Castro Alves). (BRASIL, 2013).

Consciência Fonêmica “Consiste na capacidade de analisar os fonemas que compõem a palavra. Tal capacidade, a mais refinada da consciência fonológica, é também a última a ser adquirida pela criança. (BRASIL, 2013)”. Trata-se das unidades sonora das palavras. Várias propostas de atividades podem ser feitas

(BRASIL, 2013); Formar novas palavras subtraindo fonemas iniciais das palavras, contar os fonemas das palavras e falar os fonemas apresentados nas palavras, identificar palavras distintas através do fonema inicial.

Contudo, podemos perceber que a consciência fonológica não se restringe a consciência fonêmica. Esta última é uma parte da consciência fonológica.

A consciência fonológica pode ser desenvolvida promovendo a reflexão das partes orais e escritas das palavras através de situações lúdicas, jogos e a exploração dos diversos gêneros textuais, considerando o sistema de escrita alfabética. As habilidades fonológicas ajudam as crianças na reconstrução e compreensão das propriedades do sistema de escrita alfabética que são necessárias para que as crianças se tornem alfabetizadas (MORAIS, 2012).

É necessário que os professores oportunizem as crianças a “brincar” com as palavras com atividades lúdicas e direcionadas desenvolvendo as habilidades de consciência fonológica, pontuais para compreensão do sistema de escrita alfabética e determinante para o processo de alfabetização.

A propósito do que vemos discutindo sobre as sub-habilidades de consciência fonológica, considerado o quadro de propriedade de Morais (2012, p. 51), podemos perceber relações de reflexão sobre as palavras, visto que no quadro são apresentados aspectos como:

- As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
- As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
- As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados por mais de uma letra.
- Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
- As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Bem como, as crianças precisam reconstruir as propriedades do sistema de escrita alfabética para avançarem nas hipóteses alfabéticas, Morais (2012), evidencia a partir de pesquisas que para as crianças avançarem nas hipóteses é importante desenvolver também as habilidades de consciência fonológica.

Vejamos quando as crianças estão na fase pré-silábica tendem a registrar as características do objeto, assim usam o repertório de letras seguindo as características físicas ou funcionais do objeto “com as possibilidades disponíveis: o número de letras que cada palavra vai ter a ordem em que as letras aparecerão ou o repertório mesmo de letras que usará para cada palavra” (MORAIS, 2012, p. 57). Temos uma situação de atividade que inclui contar quantidade de letras presente na palavra, saber onde a palavra inicia e terminar, circular palavra que iniciam com a mesma letra. Todas essas são atividades que possibilitam a reflexão de palavras, a partir da consciência da palavra e das propriedades do sistema de escrita alfabética.

Na fase silábica, temos o registro da pauta sonora, fazendo correspondência das sílabas que formam as palavras, atividades como contar o número de sílabas, identificar que palavras distintas iniciam com mesma sílaba, terminam com as mesmas sílabas (rima) ou que são parecidas por que iniciam com mesmo som sonoro (aliteração). Estes aspectos são referentes à consciência de sílaba que refletem nas propriedades do sistema de escrita alfabética, ao buscar a compreensão de que letras registram segmentos sonoros.

Quando pensamos numa criança com escrita silábica quantitativa, que produziu as notações M I C para *janela* e T O I B para *computador*, entendemos que, para alcançar de forma tão rigorosa o cumprimento da regra “uma sílaba oral, uma letra”, aquele menino ou aquela menina esteve analisando fonologicamente as palavras em pauta, para o que acionou duas habilidades de consciência fonológica: a de segmentar uma palavra oral em suas sílabas e a habilidade de contar as sílabas orais; Se pensarmos numa criança com a escrita silábica qualitativa, que produz notações como A U I para *jabuti*, entendemos que, para alcançar tal proeza, além das duas habilidades metafonológicas agora citadas, ela, espontaneamente, usou outra habilidade: analisou os fonemas vocálicos que apareciam no interior de cada sílaba da palavra que escreveu (MORAIS, 2012, p. 61-62).

Nas fases silábico-alfabética e alfabética, temos notações sonoras equivalentes, para cada som uma letra correspondente, se trata de realizar correspondências entre grafemas e fonemas.

Ora, a tarefa nos parece complexa não só pelos novos conflitos gera (abandonar a hipótese silábica que em algum momento parecia segura), mas, sobretudo, porque implica um nível de reflexão metafonológica mais sofisticado (consciência fonêmica e não só de sílabas) (MORAIS, 2012, p. 62).

Como vemos é necessário que os professores compreendam cada um desses níveis de escrita, pensem em atividades para as crianças que mais precisam para avançar em suas hipóteses, realizando um trabalho sistemático.

Portanto, a consciência fonológica consiste em habilidades metafonológicas que refletem sobre os segmentos sonoros das palavras e que não se restringir a consciência fonêmica como apresentado neste estudo, bem como é necessário unir estas habilidades a compreensão do sistema de escrita alfabética que envolva as partes orais e escritas, oportunizando os aprendizes a chegarem à condição de alfabetizados.

Diante do exposto nesta seção reitero a importância da consciência fonológica no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, mas considerando que a mesma não é suficiente para torna às crianças alfabetizadas, visto que temos um conjunto de propriedades e habilidades fonológicas que as crianças precisam compreender e para assim se tornarem alfabetizados.

3. ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Ao longo da história, por muito tempo, a alfabetização era entendida como aquisição de um código escrito “aprendido” a partir de práticas de codificação e decodificação, desenvolvidas por meio dos métodos sintéticos que partem de unidades menores (alfabéticos silábicos e fônicos); e métodos analíticos que partem de unidades maiores (palavração, sentencição e global). Esses são métodos de ensino que se resumem em aprender ler e escrever desvinculados dos contextos sociais e desprovidos de momentos de reflexão sobre a língua.

Nesta proposta a alfabetização se configura como um método funcional apenas um ato mecânico focalizado na transcrição da linguagem oral em escrita a partir da memorização de letras e sons; “o alfabeto não teria propriedades ou princípios conceituais que o aprendiz precisaria compreender” (MORAIS, 2012, p. 28).

A partir dos estudos desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), a Teoria da Psicogênese da Escrita, foi possível compreender que a escrita alfabética é um sistema notacional, com várias propriedades que precisam ser compreendidas pelos aprendizes. Tais estudos contribuíram para que novas propostas de ensino fossem pensadas tendo como base o SEA (sistema de escrita alfabética). Compreender o sistema de escrita como um sistema notacional e não como um código, significar reconhecer que primeiro as crianças não sabem o que são as letras e o que representam; segundo, que não se tratam de informações prontas que apenas precisam ser transmitidas pelos professores.

Os aprendizes precisam dar conta de dois tipos de aspectos do sistema alfabético: os conceituais e os convencionais. Os primeiros (conceituais) têm a ver com as duas questões acima colocadas, que remetem “a natureza a profunda” do processo de representação simbólica (ou notação). Os segundos, como o próprio nome diz, têm a ver com convenções, que poderiam ser alteradas por acordo social, sem que a natureza alfabética do sistema fosse mudada: escrevemos, nas línguas com alfabeto latino, da esquerda para a direita, geralmente de cima para baixo, deixamos espaços entre as palavras escritas e usamos apenas certas letras que, ao longo da história, foram escolhidas para substituir determinados sons (FERREIRO, 1982 *apud* MORAIS, 2012, p. 50).

Para compreensão do sistema de escrita os alunos precisam compreender o que são as letras, o que representam e como ocorrem estas representações. Para isso é necessário os professores, em suas práticas de ensino, os ajudem a construir conhecimentos sobre os princípios do sistema de escrita, que segundo Morais, (2012, p. 51) os alunos precisam compreender em torno de dez:

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d) embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as palavras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados por mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

O processo de construção do sistema como proposto pela Teoria desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1979) nos traz uma visão clara que as crianças passam por etapas as quais constroem respostas para a compreensão desses princípios do SEA. A cada etapa as crianças fazem uma descoberta, promovendo desta maneira respostas que regem o processo de apropriação do sistema: O que são as letras? O que representam? E como ocorrem tais representações? (MORAIS, 2012).

Este processo de construção do sistema se inicia na fase Pré-silábica. Esta fase corresponde ao início do processo de alfabetização no qual as crianças não

sabem o que são as letras e desta maneira para notar as letras as crianças passam a inventar letras, fazem desenhos para representar as palavras; ao escrever as palavras misturam com números. As letras são aleatórias, sem relação com som. Nesta fase “A criança desenvolve a hipótese de que a palavra precisa ser escrita com uma quantidade mínima de letras e que estas devem variar.” (AQUINO, 2007, p. 28).

Na segunda fase, a silábica, as crianças já sabem o que são as letras, descobrem a relação entre a escrita e a fala. Neste percurso de descoberta e construção do sistema de escrita apresentam a hipótese silábica inicial, na qual a criança ao escrever uma determinada palavra busca escrevê-la colocando a quantidade de letras correspondente a pronúncia dos sons que compõem a palavra (as sílabas); Na hipótese *silábica de quantidade*, as crianças, ao escrever uma palavra, colocam uma letra para cada sílaba, no entanto estas letras não estão relacionadas com os sons das sílabas; Na hipótese *silábica de qualidade*, as crianças ao escrever uma palavra buscam representar cada sílaba com uma letra fazendo o registro do som desta sílaba, ou seja, “a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala” (AQUINO, 2007, p. 28).

Diante disto, percebemos que as crianças, mesmo que de maneira “inconsciente”, se utilizam das habilidades de consciência fonológica pra fazer o registro (escrever) de uma palavra considerando o valor sonoro de uma sílaba produzindo notação de uma letra para representar as sílabas da palavra.

Na fase, silábico-alfabética é o período de transição para a fase alfabética. As crianças já compreendem que a escrita alfabética nota a fala, no entanto precisam compreender que uma letra não nota os sons que formam uma sílaba, precisam estabelecer a relação entre grafemas (letras) e fonemas.

Ao chegar à fase alfabética as crianças já compreendem o que são as letras, o que representam e como ocorrem estas representações, ou seja, as crianças já estabelecem a relação grafafônica de acordo com a pronúncia da palavra, apresentando somente erros ortográficos.

Na concepção atual de alfabetização se preconiza que, paralelo ao ensino dos princípios do SEA, o professor também oportunize aos alunos atividades de leitura e produção de textos que englobem os diversos gêneros textuais que

circulam e estão postos no cotidiano dos alunos (anúncios, revistas, jornais, cantigas, poemas parlendas entre outros), de maneira que a situação de aprendizagem faça menção às características dos gêneros, os contextos de uso social e também integrem os princípios do sistema de escrita alfabética.

No processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os alunos precisariam compreender como esse sistema funciona e isso pressupõe que descubram que o que a escrita alfabética nota no papel são os sons das partes orais das palavras e que o faz considerando segmentos sonoros menores que a sílaba. É interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos “forjados” como os presentes nas “cartilhas tradicionais” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 17).

O processo de alfabetização ganha, portanto, uma nova concepção associada ao letramento que seria “o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais de leitura e de escrita, aqui compreendido como sendo o processo de letramento.” (SOARES, 2004, p. 100). Alfabetizar letrando consiste então em:

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético. (ALBUQUERQUE e SANTOS, 2007, p. 98).

Albuquerque (2005) em pesquisa desenvolvida pode observar várias práticas alfabetizadoras e em seus resultados se defrontou com um relato de uma professora que ensinava há mais de 15 anos, em uma rede pública e que, em suas práticas de ensino buscava realizar atividades envolvendo leitura e produção de textos por meio de diversos gêneros textuais, na perspectiva do letramento. No entanto os seus alunos não se alfabetizavam. Isso porque, de acordo com o relato da professora, nas suas práticas de ensino não havia reflexão no nível da palavra nem o trabalho com análise fonológica. Diante disto, Albuquerque defende um ensino que reflita sobre o sistema de escrita, no qual as atividades ajudem as crianças a compreenderem o que a escrita representa assim como: atividades que envolvem as habilidades de consciência fonológica a partir de leitura e produção de textos utilizando gêneros textuais como poemas, parlendas, cantigas e atividades com

palavras estáveis, ou seja, são práticas de ensino que envolvem a consciência fonológica, leitura e produção de textos com diferentes gêneros, por meio de um trabalho sistemático que permitem a compreensão do sistema de escrita alfabética e desta maneira os alunos se tornem alfabetizados.

Como podemos perceber a consciência fonológica é importante para que as crianças se tornem alfabetizadas, pois os conjuntos de habilidades ajudam na compreensão do sistema de escrita alfabética. No entanto não é somente a consciência fonológica que irá fazer com que a crianças se tornem alfabetizadas; “o desenvolvimento de habilidades fonológicas é uma condição necessária, mas não suficiente, para uma criança atingir uma hipótese alfabética” (MORAIS, 2012, p. 91).

4. ESTUDOS SOBRE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Apresentamos neste capítulo estudos com foco na exploração da consciência fonológica no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, no qual iremos perceber como é significativo desenvolver as habilidades metafonológicas desde a Educação Infantil.

Aquino (2007) desenvolveu uma pesquisa que se trata de um Estudo de Caso comparando as duas turmas da Educação Infantil, as quais as professoras desenvolviam práticas de ensino diferentes em relação as suas práticas de ensino, ambas as turmas eram pertencentes à rede municipal de ensino de Recife.

A pesquisa teve como objetivo principal investigar a relação entre a Consciência Fonológica, a exploração de rimas através de um trabalho sistemático no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, assim foi analisado o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética pelas turmas, investigou a relação entre a consciência fonológica e alfabetização, a influência do trabalho sistemático das habilidades metafonológicas na aprendizagem do sistema de escrita alfabética e comparou o desenvolvimento dos alunos em relação às atividades de consciência fonológica e a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Para coleta de dados foram utilizados os métodos de Observação (direta) e entrevista (semiestruturada). Em cada turma foram realizadas oito observações das aulas, ocorrendo uma vez por semana no período entre agosto e dezembro de 2006. As entrevistas realizadas com as professoras foram gravadas e transcritas, as perguntas eram relacionadas às suas experiências de ensino envolvendo leitura e escrita. Também foram utilizadas atividades de avaliação com os alunos em nível de escrita (a partir de um ditado mudo) e consciência fonológica (através do conjunto de habilidades de reflexão fonológica: comparação de palavras, rimas e aliteração, identificação e produção de palavras que iniciavam com as mesmas letras).

Como base de sua pesquisa se fundamentou nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) referente à Psicogênese da Escrita, abordando os conceitos e hipóteses que as crianças precisam compreender e (re) construir para se tornarem alfabetizadas e a importância desta nova proposta de ensino desde a Educação Infantil.

Em relação às habilidades fonológicas se basearam em Freitas (2004) que destaca nível das palavras: sílabas; intrassilábicas e fonemas Também ressaltam estudos de Ferreira (2002), Leite (2008) e Morais (2004; 2005; 2008), relacionados à consciência fonológica como uma habilidade importante para aquisição do sistema de escrita alfabética, realizados com crianças.

Nos resultados apresentados segundo a análise das práticas das professoras ao compara as turmas A e B ficou evidente que os alunos da turma A estabeleciam relação entre a escrita e a pauta sonora das palavras a qual a professora em sua prática refletia sobre a escrita e a pauta sonora das palavras através de atividades de consciência fonológica, diferente da turma B que não tinha se desenvolvido nas hipóteses alfabética cuja professora não refletia sobre o som e a escrita das palavras. Também foi observado no decorrer da pesquisa que a turma A em relação à turma B, obteve o melhor desempenho em relação às atividades de identificação de palavras maiores e palavras que rimavam como também em atividades de produção de palavras com sílabas iniciais iguais e palavras que rimavam.

Ao chegar ao final do ano à turma A tinha 50% das crianças fazendo relação entre a escrita e a pauta sonora, 29% na fase de transição entre o pré-silábico e silábico fazendo correspondências entre a pauta sonora e a escrita referente ao som inicial/final, 21% estavam no nível pré-silábico. Na turma B 65% das crianças ao final do ano estavam no desenvolvimento da escrita com poucos alunos escrevendo através de rabiscos e dois alunos estavam no nível silábico e um na hipótese silábico-alfabético.

Por fim, Aquino destaca que ao comparar as duas turmas participantes da pesquisa, o desempenho das turmas em relação à aquisição do sistema de escrita alfabética foram distintos, mesmo ambas as turmas terem as crianças com a mesma faixa etária, pertencentes ao mesmo nível socioeconômico e serem da mesma rede de ensino. Enfatiza a importância de um trabalho sistemático entre professores e alunos nos momentos de reflexão fonológica fazendo uso de diversos gêneros textuais, defendendo um ensino com práticas de alfabetização e letramento, considerando que são processos distintos, mas indissociáveis.

Nesta mesma direção, o estudo de Bezerra (2008) realizado com 12 crianças, alunos de uma turma de educação infantil e do 1º ano do primeiro ciclo do ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de Recife. Explorou em sua

pesquisa os Jogos de Consciência Fonológica na apropriação do sistema de escrita alfabética bem como a relação entre os sujeitos na construção do conhecimento.

O estudo tinha como objetivo central investigar o desempenho e as interações entre duplas de crianças que estavam no processo inicial de aquisição do sistema de escrita alfabética, ao longo de uma sequência de jogos de análise fonológica, a partir de duplas que foram constituídas de crianças que estavam no mesmo nível conceitual sobre a escrita (duplas homogêneas) e que estavam em níveis de conhecimentos distintos em relação à escrita (duplas heterogêneas).

Buscou-se então identificar os conhecimentos fonológicos que ocorreram durante as sessões de jogos, traçar um perfil de desempenho de cada dupla ao longo das três sessões em que ocorria interação com o mesmo jogo, registrando e analisando as mudanças qualitativas observadas em relação às habilidades de consciência fonológicas que poderia se manifesta no percurso dos jogos, analisar e comparar os desempenhos das crianças nas duplas homogêneas e heterogêneas com intuito de observar especificidades de interação durante os jogos, como também os desempenho nas tarefas das habilidades fonológicas e escrita no fim das sessões dos jogos e comparar o desempenho das crianças nas atividades de habilidades fonológicas e os níveis de conceito de escrita antes e depois das sessões de jogos.

Em relação ao uso dos jogos neste estudo tem como destaque o Kishimoto (1994; 2003; 2006) que descrever o jogo como uma dimensão total favorecendo a situação equivalente ao jogo. Os jogos de alfabetização apresentados têm como base Leal (2004; 2005) que destaca os jogos como recursos de ensino importantes para realização da compreensão do sistema de escrita alfabética.

Com base nos níveis das hipóteses alfabéticas propostas pelo o estudo de Ferreiro e Teberosky (1985) com base na Teoria da Psicogênese da escrita foram formadas as duplas (seis duplas). A partir do princípio da Teoria Zona de Desenvolvimento Proximal, criada por Vygotsky (1987), teve como finalidade observa a interação entre as duplas formadas. Assim foram realizadas atividades de habilidades fonológicas e dos níveis de compreensão do sistema de escrita alfabética tendo como objetivo conhecer o desempenho das crianças antes para comparar com resultados após a pesquisa realizada. Foram atividades de segmentação de palavras em sílabas, contagem de sílabas, comparação de

tamanho de palavras, identificação da sílaba inicial, identificação de palavras rimadas e identificação do fonema inicial.

Em seguida foram realizadas as sessões de jogos de análise fonológicas, organizadas em três blocos, cada sessão eram realizados dois jogos, em que cada dupla jogava quatro jogos diferentes ao longo de cinco semanas, nos horários da manhã e tarde seguindo o horário de aula das crianças participantes, as sessões de jogos foram gravadas em áudio e vídeo, transcritas para análise. Os jogos de análise fonológica utilizados foram: Batalha de Palavras, Bingo de Sons Iniciais, Bingo de Rimas e Construindo a Torre.

Conforme a atividade em relação aos níveis de escrita às duplas formadas homogêneas ficou disposta da seguinte maneira: Dupla 1 (D1) pré-silábico-pré-silábico; dupla 2 (D2) silábico-qualitativo- silábico-qualitativo; dupla 3 (D3) silábico-alfabético-silábico-alfabético; duplas heterogêneas: dupla 4 (D4) pré-silábico-silábico-qualitativo; dupla 5 (D5) silábico-qualitativo-silábico-alfabético e dupla 6 (D6) silábico-alfabético-alfabético.

Na avaliação de habilidades Fonológicas em relação aos seus níveis de escrita, foi observado que as duplas homogêneas apresentaram pequenas variações assim apresentaram um desempenho mais entre si, nas duplas heterogêneas as duplas mostraram uma variação maior em relação ao desempenho das atividades realizadas. As crianças, de ambas as duplas (homogêneas e heterogêneas) mostraram melhor desempenhos nas atividades de segmentação da palavra em sílabas, contagem de sílabas e comparação de tamanho de palavras.

Nas sessões de jogos as duplas inicialmente apresentaram o desempenho semelhante à primeira atividade, no entanto à medida de cada sessão de jogos as duplas mostraram progresso em relação à atividade inicial.

Ao final após uma semana de intervalo, foram realizadas novas atividade de escritas de palavras e atividades de habilidades fonológicas no qual as crianças apresentaram o seguinte resultado: (D1)- Silábico-alfabético - silábico-qualitativo; (D2) silábico-alfabético – silábico-alfabético; (D3) alfabético – alfabético; (D4) alfabético – alfabético; (D5) silábico- alfabético – alfabético; (D6) alfabético – alfabético. Em relação às atividades de habilidades fonológicas apresentaram um progresso em relação ao início, onde quase todas as crianças ao executar as atividades obtiveram um bom resultado.

Ao final da pesquisa destaca, a partir deste estudo foi possível observa que as crianças das diversas formas e a interação, apresentaram o uso da reflexão sonora sobre as unidades das palavras: letras, sílabas e fonemas e enfatiza a possibilidade de avanço em relação aos níveis de escrita alfabética por meio dos jogos de análise fonológica que contribuir para o desenvolvimento das diversas habilidades envolvidas no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Em linhas gerais, estes estudos apresentados nesta seção de Aquino (2007) e Bezerra (2008), destacam a importância da reflexão das habilidades metafonológicas desde a Educação Infantil, bem como destacam a importância da Consciência Fonológica na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, por meio de um trabalho sistemático, com situações de ensino que envolve leitura e escrita através de diversos gêneros textuais e contempla a exploração sonora das palavras.

Diante disto ressaltamos a relevância deste estudo sobre as práticas de uma docente do 1º ano do Ensino fundamental, uma discussão favorável que evidencia um trabalho pedagógico com praticas de alfabetização que vivencia situações de exploração das sub-habilidades de consciência fonológica, visto que podemos constata diante do que esta sendo apresentado neste estudo que é de suma importância para alfabetização, à exploração dos segmentos sonoros das palavras que caracteriza a consciência fonológica.

5. METODOLOGIA

A pesquisa utilizou como método o Indutivo que segundo Xavier (2010), compreende uma pesquisa que não considera uma hipótese ou teoria, mas partir de um fenômeno natural ou humano. Desta maneira a pesquisa realizada, partir de um fenômeno humano, o processo de alfabetização que se trata de um percurso evolutivo. Tendo como propósito discutir as relações entre Consciência Fonológica e Alfabetização.

Esta pesquisa é um estudo de caso que Segundo (LÜDKE, 2012, p.17), “O estudo de caso é um estudo de um caso, seja simples e específico, é sempre bem delimitado devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”.

A escolha da professora participante foi através do estágio obrigatório, onde foi possível conhecer sua prática que apresentava situações didáticas que exploravam a consciência fonológica.

A pesquisa desenvolvida teve como princípio conhecer a prática de uma docente do 1º ano do Ensino Fundamental, tendo como foco suas práticas de alfabetização e sua relação com a consciência fonológica, ou seja, trata-se de um estudo específico. Assim de forma simples, a pesquisa realizada apresentou as características de um estudo de caso, o que justifica adoção desse tipo de pesquisa. A Base nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) propõe que o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental tenha como foco a alfabetização. Assim, observou-se a importância da realização da pesquisa com uma professora do 1º ano do Ensino fundamental, ano ao qual se deve iniciar o ciclo de alfabetização.

Foi adotado nesta pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com intuito de garantir a integridade e a identidade da professora participante, neste termo foi informado o objetivo da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados.

5.1. COLETA DE DADOS

Acompanhamos a rotina de uma docente formada em Pedagogia pelo PROGRAPE - Universidade de Pernambuco, que atua há 15 anos no ciclo de alfabetização, tendo somente atuado enquanto docente nesse ciclo. Em 2018, ano

da nossa pesquisa, a mesma estava em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pertencente à Rede Municipal de Ensino de Garanhuns. A turma possuía vinte quatro alunos matriculados.

A pesquisa foi organizada em duas etapas: Entrevista estruturada e observação Participante. Foram realizadas oito observações, tendo como objetivo identificar na prática de alfabetização as atividades que contemplavam as habilidades de consciência fonológica.

A observação permitiu um contato direto com o campo de pesquisa (ANDRÉ; LÜDKE, 2012, p.26). Durante a observação o foco foi à prática de alfabetização. As observações foram realizadas no turno da manhã.

Em relação à entrevista estruturada ela “é usada quando se visa á obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata” (ANDRÉ; LÜDKE, 2012, p. 34). Esse tipo de entrevista aplicado foi cabível a pesquisa, pois, nos permitiu a comparação entre a prática e fala da professora colaboradora. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. As perguntas realizadas na entrevista seguiram os seguintes tópicos:

- Formação Acadêmica;
- Experiência Profissional e no Ciclo de Alfabetização;
- Alfabetização na perspectiva do Letramento;
- Práticas de consciência Fonológica.

Com a entrevista e a observação, analisamos a mediação da docente, como ocorria sua prática de alfabetização e se contemplava as habilidades de consciência fonológica, fazendo um vínculo entre o que a professora participante da pesquisa falou sobre suas práticas e suas ações.

6. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados será dividida em duas partes. Na primeira será apresentada um pouco da rotina desenvolvida pela professora colaboradora para alfabetizar seus alunos. A partir desta será possível identificar as atividades mais recorrentes; as áreas de conhecimento mais abordadas, os recursos mais utilizados e um pouco de como ocorre à dinâmica de sala de aula.

6.1. APRESENTAÇÃO DA ROTINA DAS AULAS

Abaixo segue o quadro detalhado com as observações realizadas

Quadro 1: **Síntese dos momentos vivenciados em cada aula observada.**

Nº de aula/Data	Sínteses das aulas
1ª aula/Dia: 07/11/2018	<ul style="list-style-type: none">-Formação de Duplas para realização da atividade;- Apresentação de vídeo, tendo como conteúdo o alfabeto; Link:< https://youtu.be/M2r3ki90bYo >; Atividade em folha A4 a partir do Vídeo. Identificar a imagem correspondente à letra apresentada no vídeo e escrever o nome da imagem correspondem na folha.
2ª aula/Dia: 14/11/2018	<ul style="list-style-type: none">-Início com o Jogo da Forca com palavras com as sílabas: cha, che, chi, cho, chu-Atividade no caderno impressa com palavras com as sílabas cha; che; chi; cho; chu; no início, meio e fim das palavras para escrever de acordo com a imagem;- Atividade com o livrinho de famílias silábicas: ordenar as letras para descobrir as palavras, tendo imagens correspondentes às palavras.
3ª aula/Dia 21/11/2018	<ul style="list-style-type: none">-Avaliação de Matemática- Mais Alfabetização;-Leitura do poema escrito no quadro (poema sem título e autor desconhecido).

<p>4ª aula/ Dia: 23/11/2018</p>	<p>-Início com o Jogo da força com palavras com: nha; nho; não; As palavras foram: passarinho, ninho, rainha, caminhar. Houve a separação destas palavras no quadro;</p> <p>-Atividade imprensa no caderno com palavras que tinham as sílabas: nha, nhe, nhi, nho, nhu, não; Escrever as palavras de acordo com a imagem, contagem das letras e sílabas e caça-palavras;</p> <p>- Retomou a história do dia 22/11/2018 “A pontinha menorzinha do enfeitinho do fim do cabo de uma colherzinha de café” de autoria Elvira Vigna ilustrações Simone Matias, Editora Positivo 3ª edição- 2013 (Alfabetização na idade certa- FNDE);</p> <p>- Atividade de pintura de desenhos referente à história;</p> <p>-Leitura coletiva da poesia “passarinho Fofaqueiro” (autor desconhecido);</p>
<p>5ª aula/Dia: 28/11/2018</p>	<p>-Leitura do texto para casa “O xale da caxuxa”; (autoria desconhecida).</p> <p>-Colagem da tarefa de casa no caderno, atividade tinha como objetivo pintar as palavras de azul com 2 sílabas e 3 sílabas de vermelho e recortar as sílabas colocando nos quadro correspondente às quantidade;</p> <p>-Apresentação do Vídeo com cantigas destacando as sílabas Link: https://youtu.be/1JaZe3UYbBY;</p> <p>-Atividade no quadro a partir do vídeo: cantiga “sítio do seu Lobato” colocar em ordem alfabética o nome dos animais que podiam viver no “sítio de seu Lobato”; separação das sílabas;</p> <p>-Explicação da tarefa de casa;</p> <p>-Correção da atividade de classe com contagem das sílabas.</p>
<p>6ª aula/Dia: 30/11/2018</p>	<p>-Início da aula com o Jogo da força, dividido em dois grupos palavras com “M” e palavras com “N”. Houve realização da separação e contagem das sílabas;</p> <p>-Atividade no quadro com palavras com as letras “M” e “N” para ler e separa as sílabas;</p> <p>- Realização individual com os alunos;</p> <p>-Colagem da atividade de casa no caderno;</p> <p>-Correção da atividade de classe;</p>

	-Atividade com o livrinho feito pela professora com a história do “Seu Lobato” para ler, circular e pintar as sílabas.
7ª aula/Dia: 05/12/2018	-Jogo da Forca (tema natal); - Leitura sobre O Natal e o nascimento de Jesus; - Atividade de Classe no caderno para escrever o nome das imagens que iniciavam a letra “E” e escrever as palavras de acordo com as imagens e a quantidade de sílabas correspondente aos quadrinhos; - Leitura Individual no Livrinho das sílabas realizando correção: professora e aluno (individual); - Atividade de classe no quadro de Matemática;
8ª aula/Dia: 08/12/2018 Neste dia só houve aula ate às 10h30	- Início: leitura em livros infantis realizados pelos os alunos; - Atividade no caderno Circular as palavras correspondentes à imagem, escrever o nome das figuras; -Correção com leitura no livrinho das sílabas individual

Acolhida dos alunos normalmente era realizada no pátio da escola com as demais turmas, em seguida os alunos eram encaminhados para suas salas. Nos dias observados as aulas eram destinadas a disciplina de Português e sempre havia atividade impressa para casa a qual a professora ou apoio de sala colavam no caderno. As atividades realizadas eram impressas e algumas vezes eram feitas no quadro, a professora também utilizou como recurso didático o Datashow para apresentação dos vídeos ao qual trabalhou algumas atividades.

As atividades desenvolvidas envolviam práticas de leitura e escrita, que eram trabalhadas a partir de parlendas, músicas e dos jogos da forca. Também foi utilizado para leitura e escrita de palavras, o “livrinho de Famílias silábicas”, confeccionado pela professora, que tinha como conteúdo o alfabeto, o silabário simples, ambos em letra bastão e cursiva. Continha, sobretudo atividade na qual os alunos tinham que ordena as letras para formar as palavras de acordo com a imagem.

Na realização das atividades os alunos eram participativos demonstravam compreensão, mas tinham alguns alunos que a professora os auxiliavam durante as atividades. Neste momento, ela orientava aos alunos a pensarem no som das letras, das sílabas como, por exemplo, na 1ª aula observada que os alunos deveriam escrever o nome da imagem correspondente à letra apresentada no vídeo. Assim ao escrever a palavra “BORBOLETA” os alunos escreviam “BO” e não colocavam o “r” para formar a sílaba “BOR”.

“Professora (P): *Vamos pensar por pedaços Bor-Bo-le-ta, temos quantos pedaços?*
Alunos (A): *quatro.* (P) *isso quatro, vamos, pensa no primeiro BOR como se escrever BOR?* **(neste momento a professora buscava na reflexão sonora fazer ênfase à letra “r” para que os alunos percebesse o som)** (A): *BO;* (P): *além do “B” e do “O” temos outra letra. Vejam BOR; BOR;* (1-A): *falta o r pra ficar BOR* (P): *isso mesmo ai como fica?* (A): *BOR- BO- LE- TA”.*

Podemos perceber neste exemplo, a professora acompanha de perto o desenvolvimento de seus alunos. Na entrevista ela deixa bem claro que está atenta às dificuldades dos alunos:

“*Eu chego próximo do aluno, que ele vai escrever um bilhete, vai escrever um cartão para a mãe, ai eu chego junto e eu não dou a resposta, às vezes foco lá na questão da sílaba, por exemplo: MA, ele vai lá identifica o som e formar a sílaba, a palavra, a frase, o texto.”*

Na entrevista, a docente ainda nos explicou que a realização das atividades em duplas, já estabelecidas pela mesma, era formada considerando a afinidade e aprendizagem dos alunos.

Também se tinha com frequência em sua rotina às atividades “para casa” relacionadas ao conteúdo trabalhado no dia, ponto relevante para o processo de ensino e aprendizagem, pois os alunos estão realizando atividade com uma continuidade, com objetivo e não algo aleatório que não contribui para aprendizagem.

Foi possível verificar durante as observações, que a professora auxiliava os alunos, como falado anteriormente. Ela buscava fazê-los pensar como escrever e ler palavras, seus próprios nomes, frases e textos.

6.2. O TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA PRÁTICA DA DOCENTE

Então, partindo das observações realizadas, criamos um quadro com objetivo de termos uma ampla visão de como se configura a prática de ensino da docente em relação às habilidades de consciência fonológica e a frequência a qual ocorrem a exploração das mesmas.

Quadro 2: Habilidades de Consciência Fonológica

Sub-Habilidades de consciência Fonológica	Atividades/aulas	Observações	Total de Aulas
Consciência de Palavra	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Jogo da Força; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Coletiva; 	4 (2ª; 4ª; 6ª; 7ª aulas)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade circular as palavras correspondentes à imagem e escrever as palavras correspondentes às figuras; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Individual no caderno; 	1 (8ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade identificar à imagem correspondente a letra apresentada no vídeo e escrever a palavra em folha A4; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade em dupla; A parte da atividade correspondente à Consciência de Palavras é quando se solicita a escrita destas. 	1 (1ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade no livrinho das Famílias silábicas, ordenar as letras para formar as palavras correspondentes às imagens; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade individual; 	1 (2ª aula)

	<ul style="list-style-type: none"> Atividades destinadas a escrever palavras com NH; Escrever as palavras de acordo com a imagem; Caça-Palavras; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade individual; 	1 (4ª aula)
Total			8
Consciência silábica	<ul style="list-style-type: none"> Na atividade do jogo da força ocorreu a contagem das sílabas das palavras formadas; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade coletiva; 	2 (4ª e 5ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade no quadro a partir da música “seu Lobato” escrever em ordem alfabética o nome dos animais que podiam viver no sitio de Seu Lobato, em seguida separa e contar as sílabas; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Individual 	1 (5ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade com o livrinho feito pela professora com a música do “seu Lobato” para circular e pintar as sílabas como apresentado no vídeo 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Individual 	1 (6ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Atividade de correção no livrinho das famílias silábicas; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade Individual; A professora orientava os alunos individualmente para que os alunos pensassem nas sílabas ao escrever as palavras; 	2 (7ª e 8ª aula)
	Total		

Rima e Aliteração	<ul style="list-style-type: none"> Atividade de Leitura do poema, ao fim da leitura uma aluna destacou em sua fala palavras presentes no poema que rimavam. A professora circulou as palavras que aluna destacou e instigou os alunos a encontrar outra palavra presente no texto que rimava com as que tinham sido destacadas; 	<ul style="list-style-type: none"> Poema escrito no quadro; leitura Coletiva; 	1 (3ª aula)
Total			1
Consciência Fonêmica	<ul style="list-style-type: none"> Atividade identificar a imagem correspondente à letra apresentada no vídeo e escrever a palavra em folha A4; 	<ul style="list-style-type: none"> A parte da atividade correspondente à Consciência fonêmica é quando se solicita a relação da imagem com uma dada letra (letra x som); 	1 (1ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> Na atividade do jogo da forca com palavras que tinham as sílabas (cha; che; chi; cho; chu), a professora faz a relação destas sílabas as sílabas (xa; xe; xi; xo; xu), escrevendo-as no quadro; 	<ul style="list-style-type: none"> Atividade coletiva; 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade no quadro, 2 grupos de palavras com as letras M e N, na correção da atividade uma aluna identifica uma palavra que foi adicionada uma letra e assim formou outra palavra (as palavras eram Natal e foi adicionada a letra l formando Natali), 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade Individual e correção coletiva; 	1 (6ª aula)
	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de correção dos Livrinhos das famílias silábicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade Individual 	2 (6ª e 7ª aula)
Total			5

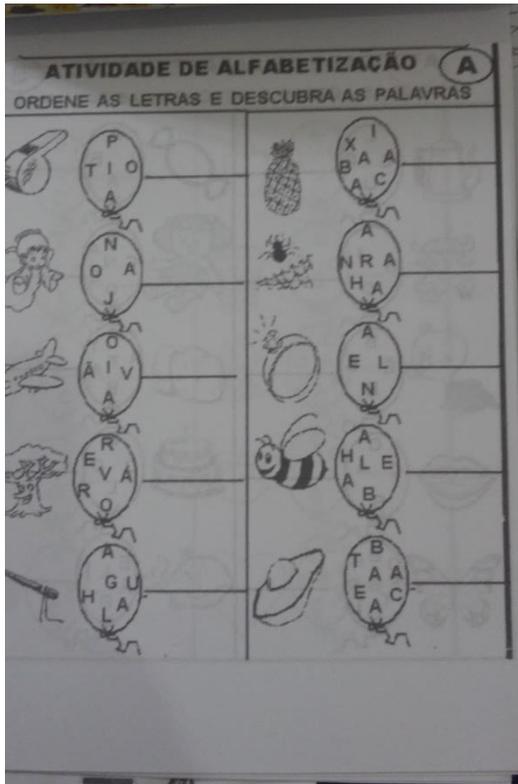
Observa-se que todas as sub-habilidades chegaram a ser abordadas pela professora colaboradora da pesquisa, porém, algumas com mais ênfase que outras. Foi o caso da consciência palavra, dentre as demais sub-habilidades foi a mais explorada, visto que nas oito aulas acompanhadas houve sua exploração. A consciência silábica também apareceu com frequência alta, em seis aulas. Já rima e aliteração foi a habilidade menos frequente, sendo observada em apenas uma aula, numa atividade de leitura coletiva. Contudo, o trabalho com rimas e aliterações tende a ser bastante frequente nas práticas alfabetizadoras. Os textos da tradição oral são um ótimo recurso para essa exploração, como destaca Moraes (2012 p. 93-98):

Por um lado, muitos têm visto os benefícios de explorarmos os textos poéticos da tradição oral (cantigas, quadrinhas, parlendas etc.) que as crianças conhecem ou aprendem de cor e que são parte da cultura do brincar infantil. O fato de aqueles textos conterem uma série de rimas e aliterações, repetições e outros recursos que produzem efeitos sonoros, aliados ao fato de as crianças os terem na memória, permite uma rica exploração dos efeitos sonoros, acompanhada da escrita das palavras. Assim, cria-se um bom espaço para que meninos e meninas, curiosamente, comecem a prestar mais atenção nas palavras e em suas partes orais e escritas.

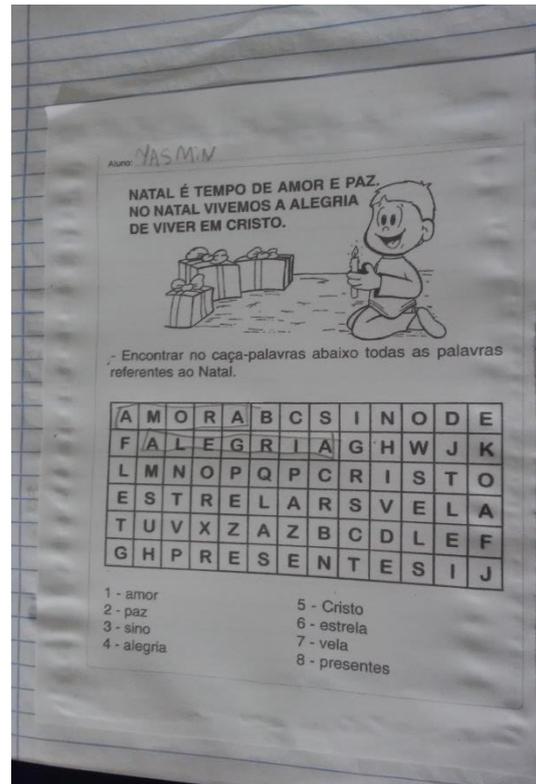
Vamos especificar agora como aconteceu o trabalho com cada uma dessas sub-habilidades, apresentando exemplos e discutindo o que as crianças puderam aprender com essas atividades.

Começando pela “consciência de palavra”, também chamada de consciência sintática, representa a capacidade de segmentar a frase em palavras e, além disso, perceber a relação entre elas e organizá-las numa sequência que dê sentido. Esta habilidade tem influência mais precisa na produção de textos e não no processo inicial de aquisição de escrita. Ela permite focalizar as palavras e sua posição na frase. Além disso, ordenar corretamente uma oração ouvida com as palavras desordenadas também é uma capacidade que depende desta habilidade (BRASIL, 2013).

Nas imagens apresentadas abaixo, temos atividades referentes a esta sub-habilidade de consciência de palavra. Na imagem 1 temos um exemplo do livrinho da família silábica, na qual consta uma atividade para ordenar as letras e formar a palavra de acordo com a imagem; na imagem 2 temos o caça-palavras; na imagem 3 o jogo da forca e na imagem 4, uma atividade na qual os alunos precisavam circular palavras que rimavam.



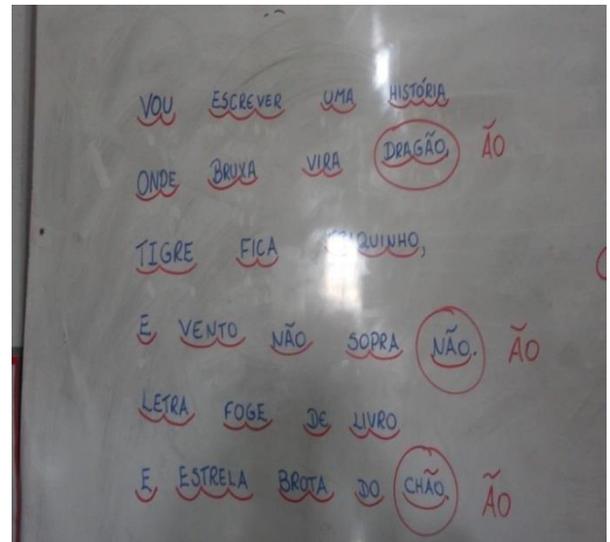
(Imagem 1) Livrinho da família silábica.



(Imagem 2) caça-palavras-7ª aula.



(Imagem 3) Jogo da força 7ª aula.



(Imagem 4) Poema (autor desconhecido) 3ª aula.

A partir destas atividades algumas propriedades do quadro dos direitos de aprendizagem do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), (BRASIL, 2012) puderam ser abordadas, tais como:

- Compreender que palavras diferentes compartilham certas letras;
- Perceber que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras;
- Identificar semelhanças sonoras em sílabas e em rimas.

No jogo da forca, além de explorar a escrita das palavras a professora realizou a contagem das letras com as palavras formadas. Vejamos

“(P): vamos contar quantas letras tem as palavras. (durante a contagem a professora vai apontando as letras e os alunos fazendo a contagem das letras, bem como também a professora na realização do jogo perguntava aos alunos sobre as vogais e consoantes que estavam presente nas palavras e também fazia menção à quantidade de letras que se repetia nas palavras).”

Considerando o quadro das propriedades do sistema de escrita alfabética de Morais (2012), já apresentado neste estudo, podemos observar nestas atividades reflexões acerca das palavras em relação às letras; que algumas letras podem se repetir em uma mesma palavra, em palavra diferente ocupando posições diferentes; que quantidade de letras pode ser maior que o número de sílabas, bem como a representação sonora equivalente das letras. Tais atividades oportunizam, portanto aos alunos a compreensão do sistema de escrita como sistema notacional e assim ajudam os alunos a avançarem na hipótese alfabética, compreendendo que a escrita da palavra deve-se pautar no som.

Ou seja, ao explorar a consciência fonológica a professora não deixa também de desenvolver um trabalho em torno do reconhecimento das letras. No estudo realizado por Leite (2006), a pesquisadora pode perceber a importância de realizar em paralelo à exploração da consciência fonológica, um trabalho com as letras: “os dados também nos revelaram que as crianças que apresentaram um maior percentual de acertos no reconhecimento de letras nas hipóteses iniciais, evoluíram mais rápido para hipóteses mais elaboradas de escrita” (p. 139). Contudo, “nem

sempre o reconhecimento do nome da letra auxiliava a criança a compreender que as letras representavam sons” (p. 139), por isso é preciso investir nas duas frentes: a exploração do som e a exploração da grafia.

Pudemos perceber também, pelas atividades desenvolvidas nas aulas observadas, que a professora explora com uma boa frequência a consciência silábica, que consistem em segmentar as palavras em sílabas. Nas situações vivenciadas percebe-se um contínuo foco da professora em relação às sílabas. Ao realizar o jogo da forca, por exemplo, após as palavras formadas, ela complementava com a contagem das sílabas; nas práticas de leitura e escrita falava as palavras em voz alta, segmentando-as em sílabas, estimulando os alunos a pensarem nos “pedaços” (sílabas) das palavras, assim como sempre solicitava que os alunos circulassem e pintassem as sílabas. Estas eram atividades presentes que faziam parte das atividades que contemplavam a consciência silábica, conhecimento importante para apropriação do sistema de escrita alfabética.

Se vemos a escrita como sistema notacional- e não como um código-, entendemos por que, sobretudo nas etapas iniciais de compreensão do funcionamento do alfabeto, certas habilidades fonológicas que operam sobre sílabas (como comparar palavras quanto ao número de sílabas, identificar e produzir palavras que começam com a mesmas sílaba) se apresentam como essenciais para o aprendiz fazer o percurso de reconstrução mental das propriedades do alfabeto. (MORAIS, 2012, p. 88-89).

Vejamos um dos momentos de aula cujo foco é a consciência silábica:

Trecho da 7ª aula.

(P): “*Tem que pensar nos pedacinhos das palavras para escrever, A-ba-ca-te- como fica BA?*” (P): “*começam com a mesma sílaba Es-trela; Es-cova; Es-cola como fica Es-trela?*” (A): *E e S?*(P) *fica como E e S?* (A): *ES-TRELA*
(P): “*A palavra é Abelha, como faz o Lha? Vá pensando em pedaço em pedaço, veja o som Lha é diferente de La. Como fica LHA?*”. **(durante as correções a professora fazia a segmentação das palavras em sílabas oralmente para que os alunos percebessem as letras e o som delas também).**
(atividades de correção do livrinho silábico realizado individualmente com o aluno).

Trecho da 8ª aula.

(P): “a palavra é di-nhei-ro, aqui você escreveu di-hei-ro, tem que pensar tá faltando uma letra.”.

(P): “Den- te, pensa e escreve Den-te, você fez de-te percebe que tá faltando uma letra veja o som, Den-te, De-te, esse som Den.como fica?” (A): “Dente, faz d-e-n-t-e, dente”. (P): “isso, tem que pensar ao escrever”. (a professora em voz alta fazia a segmentação das sílabas.).

(atividades de correção do livrinho silábico realizado individualmente com o aluno).

Nestas atividades destinadas às sílabas, os alunos puderam compreender a semelhança sonora entre as palavras; ao contar as sílabas perceber que a quantidade de sílabas não tem haver com as características física ou funcional das palavras; que as sílabas variam em relação a sua composição. Assim, temos a reflexão da palavra que estabelece relação com o sistema de escrita alfabético, apontados por Morais (2012 p. 51):

As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;

As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

No quadro dos direitos de aprendizagem do PNAIC (BRASIL, 2012), também se faz relação com a importância do aprendizado das sílabas. Há vários direitos com esse foco. A ver:

Identificar semelhanças sonoras em sílabas e em rimas;
Reconhecer que as sílabas variam quanto às suas composições;
Perceber que as vogais estão presentes em todas as sílabas.

Em relação, a Rima e Aliteração foi uma atividade pouco frequente nas aulas, no entanto, observa-se na 3ª aula temos uma correspondência de palavras que rimam no poema o qual foi realizada a leitura pelos os alunos. E estas palavras que rimavam foram destacadas oralmente pelos os alunos, ou seja, a rima não é algo desconhecido dos alunos.

Vejamos um trecho da 3ª aula:

Ao fim da leitura uma aluna identificou palavras que rimavam no poema. (Aluna): *“não e dragão, rimam elas terminam igual”*. (P): *“isso terminam igual, mas temos outra palavra que também rima vejã, qual é essa palavra?”* (A): *“chão”* (P): *“isso terminam igual ão (circulando as palavras no quadro e escrevendo ao lado ão)”*.

Levantamos o indício de que a exploração das rimas faz parte das práticas de ensino da professora, embora não tenhamos visto nos dias observados, com frequência. Isso pode ser ratificado pelo conhecimento demonstrado pelos alunos sobre o que é rima e pela fala da professora durante a entrevista quando a mesma diz:

“Esses últimos dias fiz um jogo que tá no armário, ele ver a questão da sílaba e ver a questão da rima que como se diz, são palavras que terminam com a mesma sílaba ou começam com a mesma sílaba. Como por exemplo: Bola, a sílaba “La” tá fixa e aqui na frente vai mudando: bola, cola, mola, sola; vai mudando...”

Mesmo assim fazemos o destaque para que o trabalho com rimas e aliterações faça parte do dia-a-dia das turmas de alfabetização. Assim como as demais sub-habilidades, a exploração das semelhanças sonoras entre as palavras trata-se de um conhecimento fundamental para a consolidação do processo de alfabetização.

Segundo Morais (2012), atividades que envolvem as habilidades de identificar e produzir rimas são de suma importância e necessárias para a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Observa-se na atividade apresentada acima que os alunos identificam as palavras que rimam, ao mesmo tempo identificam as sílabas finais que rimam. Em relação ao sistema de escrita alfabética os alunos estão refletindo sobre os segmentos sonoros e a escrita das palavras:

As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados por mais de uma letra.

Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.

As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-

vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal. (MORAIS, 2012 p. 51).

A consciência fonêmica como já visto é capacidade de analisar os fonemas das palavras, é apontada como sendo a última habilidade adquirida pelas crianças (BRASIL, 2013). Foi habilidade que teve certa frequência nas aulas observadas. Porém, percebe-se o desenvolvimento de maneira “isolada”, considerando que não foi observada nenhuma atividade destinada a esta habilidade. Foi possível encontrá-la sendo abordada durante as atividades cujo foco era a sílaba, mas que a professora também aproveitava para estimular os alunos a fazerem algumas relações letra x som. Vejamos alguns exemplos desses momentos:

Na 1ª aula, a atividade foi a partir do vídeo que apresentava uma letra do alfabeto e em seguida três imagens e os alunos tinham que dizer qual destas iniciava com a letra apresentada.

“(P): *que letra e está?*” (neste momento a professora mostra a letra que está sendo apresentada no vídeo).

(Alunos): *D*

(P): *vejam agora as imagens (à medida que vai aparecendo às imagens, a professora vai perguntado aos alunos o nome das imagens).*

(Alunos): *hipopótamo, dinossauro, jacaré...*

(P): *qual destes começa com a letra D?*

(Alunos): *Dinossauro;*

(P): *Isso, agora escrevam: dinossauro.”*

Também na 1ª aula, durante a escrita da palavra Borboleta, houve uma exploração do fonema /r/:

(P): *Vamos pensar por pedaços Bor-Bo-le-ta, temos quantos pedaços?*

(Alunos): *quatro.*

(P) *isso quatro, vamos, pensa no Primeiro BOR como se escrever BOR? (neste momento a professora buscava na reflexão sonora fazer ênfase á letra “r” para que os alunos percebesse o som)*

(A): BO; (P): além do “B” e do “O” temos outra letra. Vejam BOR; BOR; (1-A): falta o r pra ficar BOR (P): isso mesmo ai como fica? (A): BOR- BO- LE- TA”.

Na 6ª aula houve uma brincadeira de acrescentar letras numa palavra e isso ajudou na reflexão dos fonemas de uma palavra. Vejamos:

A professora ao escrever as palavras que iniciavam com as letras M e N, repetiu a palavra Natal. Ao observar, a professora acrescentou a letra I ao final da palavra, formando a palavra NATALI.

Após esta mudança, uma aluna percebeu e disse (A): “A senhora colocou a letra “I” formando uma nova palavra, agora ficou Natal e Natal”.

(P): “isso, uma letra e já mudou a palavra”.

Por fim, na 7ª aula, houve um momento em que a professora explorou o som da letra L, quando a mesma recebe o mesmo som da letra U:

Na correção do livrinho o aluno ao escrever a palavra Esmalte, não colocou a letra L. **(a professora disse a palavra segmentando as sílabas)** (P): “es-mal-te, ta faltando uma letra destas” **(apontando para o círculo que tinha as letras desordenadas)** (P): “qual destas letras tem o som de U?”.

Como vemos é recorrente essa ação em aproveitar os momentos para promover a reflexão em torno dos fonemas. Em entrevista a professora confirma essa sua prática:

“Falo sempre, você já viu? Se lembra, a letra “s” no meio de duas vogais tem som de “z”; o “r” quando não arranha é porque são dois “r” “r”, no começo ele é forte, mas é só um.” Aí eu sempre falo isso e às vezes pensava eu falo, falo, falo e esses alunos não escutam e não entendem o que eu falo... Até que teve um dia, um bem pequenininho disse assim: “Ah, professora, agora entendi esse “s” toda vez que tiver no meio de duas vogais vai ter sempre o som de “z”, eu não leio “as,” eu leio “za” num é?.”” Aí eu cheguei em casa: parei, pensei, aí eu fui perceber, analisar, observar a fala de cada aluno que aquilo que a gente vai falando, a gente pensa que

é muito, mas eles vão entendendo, absorvendo, mesmo que não atinja todos no mesmo momento, vai atingindo aos poucos e eles mesmos entre eles vão passando um para outro.”

Nestas situações, a professora oportunizava aos alunos a compreensão que as letras notam ou substituem segmentos sonoros e que as letras possuem valor sonoro fixo. São pontos que nos remetem ao sistema de escrita alfabética sistematizados por Moraes (2012 p. 51):

As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados por mais de uma letra.

Percebe-se, a partir das atividades desenvolvidas pela professora referentes às habilidades metafonológicas, que sua proposta de ensino busca a compreensão pelos os alunos do SEA como um sistema notacional que refletem os aspectos, conceituais e convencionais apontados por Ferreiro e Teberosky (1979), bem como estimula reflexões para as perguntas que regem o aprendizado do sistema de escrita: o que são as letras, o que representam e como ocorrem estas representações e estas respostas construídas a partir dos dez princípios, conforme destaca Moraes (2012).

Ao considerar as aulas observadas, não constatamos exploração dos gêneros textuais nas atividades analisadas. No entanto, é necessário um ensino sistemático que envolve a consciência fonológica, refletindo sobre as parte orais e escritas, utilizando os gêneros textuais na compreensão e construção do SEA, conforme pontuam Albuquerque (2005), Aquino (2007) e Bezerra (2008).

Quando perguntado a professora sobre suas práticas referentes à consciência fonológica, ela responde:

“Eu gosto muito, você viu, quando fala em letra e também em sílaba, eu gosto muito do Jogo da Força, eu gosto muito dessa prática do jogo da força principalmente porque ele consegue atingir o aluno que tem dificuldade que não reconhece a letra, consegue atingir o aluno que tá no processo mais avançado, ele consegue atingir a todos. E lá no momento da brincadeira, eles vão prestando atenção e é um

momento que fica melhor no entendimento deles porque eles estão ali na questão do brincar. Gosto também muito fazer, faço muito o da adedonha... Gosto muito de fazer caça palavras, normalmente faço, depende do processo deles, faço o caça palavras com questão das letras, as letras no quadrinho e o caça palavras também com sílabas, a sílaba dentro de cada quadrinho...”.

Podemos compreender, então, que a professora entende que estes tipos de atividades ajudam no processo de aprendizagem dos alunos, bem como são importantes aliados quando se fala em atividades voltadas para correspondência grafema e fonema.

Reconhecemos o cuidado da professora em seu modo de ensinar a ler e escrever, sua preocupação de incentivar os alunos, a pensar sobre as relações entre as partes orais e escritas, quando ela mobilizava os alunos a pensarem sobre os “pedaços” das palavras, ao ler, escrever ou ao separa as palavras.

Desta maneira, queremos ressaltar, na prática da professora, que as situações didáticas que exploram a consciência fonológica na alfabetização estão presentes, sim, visto que foi possível identificar nas aulas observadas atividades destinadas as sub-habilidades de consciência fonológicas, sendo mais frequentes aquelas, que exploravam a consciência de palavras e a silábica.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado abordou uma discussão sobre o papel da Consciência Fonológica na Alfabetização. Buscamos através dos estudos teóricos apresentados, elementos que nos permitiu observar a relação existente entre as habilidades de consciência fonológica e apropriação do sistema escrita alfabética, em situações de ensino que reflitam sobre as partes orais e escritas.

Mediante as observações e a entrevista, analisamos a prática da professora do 1º ano do ensino fundamental, assim foi possível verificar nas atividades desenvolvidas, a exploração das habilidades de consciência fonológica por meio de propostas que envolviam: cantigas, poemas, jogo da forca e atividades impressas. Mas, queremos destacar que tais atividades e jogos que ajudam a refletir as sub-habilidades da Consciência Fonológica precisam ser diversas para abarcar as diferentes habilidades. Mas, no caso da prática observada identificamos uma ênfase na consciência de palavra e na silábica. O trabalho com rimas e aliterações foi pouco identificado, mas considerando o depoimento da professora em entrevista, bem como o conhecimento dos alunos apresentando em aula, pode ser um trabalho mais frequentes do que conseguimos perceber.

Assim, notamos que na visão da professora a consciência fonológica é importante na prática de alfabetizar. Bem como percebemos nas situações observadas que a professora acompanha o desenvolvimento dos alunos, os auxilia em suas dificuldades, adota uma prática de ensino sistematizada, mobiliza os alunos a pensar sobre as relações entre as partes orais e escritas que remetem aos princípios do SEA.

Enfim, concluímos que é de suma importância a consciência fonológica na apropriação do sistema de escrita alfabética por meio de um trabalho sistemático que promova atividades voltadas para reflexão da correspondência letra-som, utilizando os diversos gêneros textuais somando a um trabalho em conjunto entre professor e aluno, isso por que somente a consciência fonológica não é suficiente para um aluno se tornar alfabetizado (MORAIS, 2012).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Eliana Borges Correia. Conceituando Alfabetização e Letramento In: SANTOS, Carmi Ferraz, MENDONÇA, Márcia. (Org). **Alfabetização e Letramento: Conceitos e relações**. Belo Horizonte, Autentica. 2007. p. 11-22.

ANDRÉ, Marli E.D.A. LÜDKE. Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P. U, 2012.

AQUINO, Socorro Barros de. **O trabalho com consciência fonológica na educação infantil e o processo de apropriação da escrita pelas crianças**. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2007.

BEZERRA, Valéria Suely Simões Barza. **Jogos de Análise Fonológica: Alguns percursos na interação de duplas de crianças**. 2008, 186f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Consciência Fonológica**. Universidade Federal de Ouro Preto- Centro de Educação Aberta e a Distancia- CEAD, 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na Alfabetização na Idade: concepções e princípios: Ano 1: Unidade 1**. Brasília, MEC, SEB, 2012.

BRASIL, Resolução cne/cp nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE_CP22_2DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

LEITE, Tânia Maria Rios. **Alfabetização Consciência fonológica psicogênese da escrita e conhecimentos dos nomes das letras: um ponto de interseção**. 2006. 192f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de; Leite, Tânia Maria Rios. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizados? In: ALBURQURQUE; Eliana B. C.; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. (Orgs). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autentica. 2005. p. 71-88.

MORAIS, Artur Gomes de; Silva, Alexsandro da. Consciência fonológica na Educação infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica Editora 2010 (língua portuguesa na escola; 2). p.73-91.

MORAIS. Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

Como as crianças aprendem a escrita alfabética? O que a capacidade de refletir sobre “os pedaços sonoros” das palavras tem a ver com isso?

Salto para o Futuro, Rio de Janeiro, Ano XXIII, p. 12-23, 2013. Disponível em <http://cdnbi.tv escola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/13054004_Alfabetizacaoaprendizagemeoensinodaleituraedaescrita.pdf>
Acesso em 03 Out de 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2008.

XAVIER. Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**: [ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, TCC, projeto, slide]. Recife: Editora Rêspel, 2010. p.35-40.